

DIÁRIO DE UMA ABIÃN

Célia Fernanda Sampaio Raimundo¹

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v8i1.55137>

Saúdo a dona de minha casa. A mulher de meu casuá, é por onde faço passagem nessa vida terrena. A saúdo nesse escrito. Enquanto faço esse escrevedô sei que muitos dormem na encruza, guardados pelas forças dessa grande Pombogira

Uma escrevivência aqui é contada. Algo que é a expressão desse corpo que se inscreve. Busco nesse rio que corre em mim, que sou, que me guarda,² ecoar acerca dessas possibilidades que se fabulam³ na rememoração⁴ desse ser que há em mim. Caminhos caminhados que faremos caminhando. É nesse caminhá; nesse caminhá que me deparo com a arte de ensinar, que me transmuto, me transformo, transgrido entre as mais diversas formas me possibilitadas do ser, sendo. Para então vir a ser.

Me desmembro, me acoplando a outras realidades, outras possibilidades destrutivas⁵ desse ser, de uma outra visão, uma cosmovisão impressa para esse outro ser, que há de se ser. Afro perspectivar através de uma outra, de um ser outro. Que performa outro. Na encruzilhada das descobertas do que se faz quando se é. Nas encruzilhadas me possibilitadas pela experiência do caminho, pela experiência de Exu. Me descubro, me cubro de ser potência, desse ser sendo para além do que sou.

Exu me apresenta as possibilidades dentro das impossibilidades coreografadas dentro de meus caminhos. Ele brinca comigo diante da grama seca do cerrado. Caminha comigo pelos corredores, onde, enquanto destoante, me faço em elaboração; elaboro este ser transformado, esse ser que não se encaixa. Como diria Tiffany E. Barber esse *ser, não domesticado, não colonizável* que habita em mim. Que habita os corpos pretos de minhas passadas. Que habitam e povoam meu corpo, meu útero, minha mente, as palavras que formadas em minha língua, escorregam de meus lábios a dançar. Que doce sabor tem as palavras.

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: celia.fernanda@unesp.br

² Peço licença minha mãe Osun

³ Hartman, Saidiya. *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos:: Histórias Íntimas De Meninas Negras desordeiras, Mulheres Encrenqueiras E Queers Radicais*. Fósforo, 2022.

⁴ Barber, Tiffany E., et al. *Afrofuturism 2.0: The rise of astro-blackness*. Lexington Books, 2015.

⁵ Nascimento, Maria Beatriz. *Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias da destruição*. Filhos da África, 2018.

Dentre todas as milhares de coisas que Exu me coloca a pensar, uma ecoa como um gargalhar na encruza.

Exu me fascina, me admira o pensar. Seu movimento me instiga. Na figura de Sinhá Maria, ela me hipnotiza. Me faz ruminar as potências surreais que atravessam essa carne do estar para além do que se é.⁶

É um movimento do que pode se irradiar dentro do que ainda há de se ser por aqui, por ali no espiralar do caminho. Caminhamos, portanto, dentro da encruzilhada da ruptura com as (cis)temáticas do racismo generificado do ocidente. Numa territorialização das rugosidades⁷ de um corpo antepassado pelo espiralar dos tempos, povoa-se a temporalidade do folhear de mais um escrevido. É para além do contar uma história, é recitar o bailar das coreografias das impossibilidades vividas. Escrevidas. É nesse dançar, performar, outras que como eu haverão de vir, de joelhos dobrados, baterão as mãos, pisarão descalços, e com seu eu de fumaça e bebida vem o brotar de um existir em meio a ousadias. Ousadia é a palavra do dia.

Lembro uma vez dela a contar, é fascinante o imaginar de suas passadas por esse Ayê. Conta ser uma grande mulher. Diz ter morrido queimada. Imagino ser a inquisição do que ela fala.

*Foi condenada pela lei da inquisição,
para ser queimada viva sexta feira da paixão.
O padre rezava, e o povo acompanhava,
quanto mais o fogo ardia ela dava gargalhada.*

Nos caminhos da canção que regam a alma desse ser que se derrama sobre o papel, corre também em minhas veias, por de baixo de minha preta pele, palavras. Correm palavras não ditas silenciadas, esquecidas. Transformadas em movimento performam em mim saberes outros nunca antes pensados serem habitados pela carne. Meu corpo grita na encruzilhada. Se exuzilha sobre a navalha. É ancestralidade pura

⁶ Pensamos aqui em EXU na imagem da ruptura sistemática de binarização do ocidente. Busca-se fundamentalmente tecer a figura de exu enquanto um gênero flúido a orbitar pela perspectiva cosmovisionária de um afrofuturo transvestido, numa ruptura com a mutação da (cis)temática ocidental, é necessário o movimento do pensar uterizado destituído de uma generificação pombagireana, e verdadeiramente encruzilhar as potencialidades identitárias até mesmo de EXU numa metodologia para além das visualidades (cis)temáticas da carne. É para além do que a generificação das palavras pode fazer da água um transcrito a se ler.

⁷ Chamemos de rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. (SANTOS, 2012: 140)

pelo corpo falada. O movimento pediu mais do que somente a letra afrografada. Ela precisava ir para o corpo-sentido. O corpo-palavra.

DO BANZO NASCE A ABIÃ. UM CORPO-RUGOSO NA ANCESTRALIDADE PERFORMADO

Eu sempre fui aquela que anda olhando para a história que se registra em cada tijolo assentado. Nessa cidade que faço morada, esse é um exercício interessante. É fascinante imaginar as “herstórias”⁸ que percorrem os paralelepípedos por onde a água escorre. Não tem beleza maior do que admirar o céu pintado por estrelas, e a sílica ao fundo ao colorir mais do que a paisagem. Se enganar na beleza das cores. É como dizer querer partir junto quando Padilha ou Colondina estendem suas mãos.

Buscava “Herstórias” nos caminhos por onde andava. Dos Adinkras fundidos nos portões aos registros ancestrais que marcam e afrografam mais do que somente as ferragens ao meu redor. Num dos milhares de encantamentos pelos quais fora enfeitada, me recordo de um momento especial. Quando me encontrei em meio a um conceito, ou o conceito se encontrou em mim. Penso sermos conceitos. Penso que somos conceitos em si. Conceito proveniente da compreensão do conceber, somos então conceitos, concebidos pelo Orun. Somos os acúmulos conceituais das potencias ancestrais dos encontros conceituais que a encruzilhada nos exuzilha. Faz sentido pouco, sei, vai ver o conceito ainda está em diacronia:

*A rugosidade que nos habita a carne
vai muito mais além das janelas que se abrem
transfigura-se num emaranhado de saberes
que dentro dessa carne se afagam.*

*Quando Milton Santos suas palavras alinhavou,
Encheu seu colar de contas,
o conceito criou.
Mais do que palavras afrografou
Identidade sobre o papel brotou*

*Ando por ruas que contam o não dito
eu as fabulo em uma escuta do sentido
Recrio criações sonhadas no passado
Vivo sonhos consolidados permeados.*

⁸ Zenaide Silva no Programa do Abujamra

*As rugas trazem a memória que se esculpe no vazio
No telhado das casas vemos o olhar do que fica enquanto marca
Em cada tijolo assentado ouve-se o cantar a 7 léguas daqui
Herstórias que aproximam-se ao balançar do caxixi.*

Quando a doce rugosidade me fora apresentada enquanto conceito, junto a uma outra infinidade de dimensões, o mundo buscou-se dentro de outros padrões, as fissuras desse padrão conformado começaram a ruir. Um outro ser para além do que se poderia pensar ser, nasceu, quis existir. Eu transgredi a forma que eu quis viver. Escrevivir. Me apresentar aqui. Me parir diante do papel, a tinta tingir. O ascender, enquanto se alçava voos rumo ao co-existir.

Costurada junto ao papel, me quebranto nessa busca do natural, nesse enredado encontro das naturezas do espaço que habito. Das emoções que através do tempo se imprimem mais do que somente na imagem, mas expressam-se em performance na minha carne. Marcam a paisagem, essa minha doce imagem, com aconteceres homólogos dentro dessa sociedade de aconteceres hierárquicos.

Tanto o acontecer homólogo quanto o acontecer complementar supõem uma extensão contínua, na cidade e no campo, sendo a contiguidade o fundamento da solidariedade. Já no caso do acontecer hierárquico, as relações podem ser pontuais. Aqui, a solidariedade independe da contiguidade. É a diferença entre proximidade espacial e proximidade organizacional (SANTOS, 1996, p. 133).

Quando digo que *costurada junto ao papel* eu quero re-dizer, é um *costuro do papel junto ao corpo*. É no encontrar em palavras afrografadas na herstória encontros desse corpo-texto que se diz. É fundamentar-se na solidariedade do existir de um corpo-texto, no dizer-palavra, que no pontuar dos aconteceres, faz do corpo-espaço a não continuidade do ser sendo. É reescrever o já escrito em dizeres outros transcorridos. É aconte(ser). É a(com)te(ser). É co-juntamente tecer. É confluir em outro ser dentro dos aconte(seres). As inúmeras existências exuzilhadas pelos seres. É na ruptura paradagmática com as organizadas civilizacionais ideias do ser, do vir, voltar a ser.

Envolvidos num quadro de contar para além da Razão, Milton Santos, meu grande zelador dos saberes, encarna nesse terreiro da Geografia. Ele traz feitiço na palavra. Traz conceito ao brotar, em meio a rocha, água.⁹ Já não bastavam as palavras

⁹ A Natureza do Espaço. Razão, Tempo. Técnica, Emoção. SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Razão, Tempo e Técnica, Emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

era necessário o que mais havia de potente, por de trás desse bater de palmas. Eu ouvia ao fundo que poderíamos caminhar além. Ouvia como um gritar do tambor um bater de palmas, era preciso vestir branco e andar no casuá descalço, era necessário se sentar e nada além de pensar, sentir... E por que não sonhar. É necessário correr a gira, pro mal não pegar.

Até quando vai fugir menina?

Nesse honrar por essas palavras já escritas, formuladas e fomentadas, a curiosidade brotou, como aquela água. Aquela água boa que despacha todo egum que nos acompanha ao adentrar o casuá. Três vezes gorou. Três voltas deram. Em três pontos da rua, jogaram. Adentrei. Junto dos mais sábios caminhei. Transformações de vida, presenciei. De uma outra família me tornei.

Quando canto, canto junto a mais de mim. Quem habita meu hoje, mas também fez morada quando passou pelo meu ontem. Memórias que fábulas nessa cabaça constroem existências outras para a abiã que faz do papel seu refúgio.

É desse contar que me faço. Um contar outro desse ser afrografado. Transfigurado. Nas águas de minha mãe inundo meu Orí com os saberes que podem ser compreendidos por mim. Mas e os saberes que performam naquele lugar que transmuta-se no tempo? Adentrar aquele casuá, e firmar o cabeçadô. Habita tudo essas conversa que num tem nada de: conversa de pescador

Fico a pensar nas milhares de herstórias que ainda existem por contar. Herstórias que existem a nos fabular. Conforme percorria atenciosamente as linhas fabuladas por Saidiya Hartman, mais e mais via minhas sinhás. Sinhá Maria reluzia. Era sua vida que saia, dançando do papel ela irradia. Performava essa vivência de um corpo para além do que as limitadas expressividades captadas pelo papel podem ser capazes de dizer. Sinhá Maria é o ser, quando o ser sendo, já entendeu que é. Sinhá Maria fora a única até hoje que cedeu aos meus delírios da carne de fabular para além do que está a minha frente. Fora a única que no emaranhado dos meus pensamentos entendeu a necessidade que sentia.

Pois então de Herstórias as Legbaras me nutriam.

Recebido em 20 de maio de 2024

Aceito em 11 de junho de 2024